

CONCEITOS DA PSICANÁLISE

Angústia



viver
mente & cérebro

RICKY EMANUEL

CONCEITOS DA PSICANÁLISE

Angústia

RICKY EMANUEL

Editor da série
Ivan Ward

viver
mente&cérebro

tt
Duetto


Relume Dumará

Ideas in psychoanalysis – Anxiety foi publicado no Reino Unido em 2001 por Icon Editions, The Old Dairy, Brook Rd, Thriplow, Cambridge SG8 7RG
Todos os direitos reservados. © 2001 Roger Kennedy

Conceitos da Psicanálise – Angústia é uma co-edição da Ediouro, Segmento-Duetto Editora Ltda., com a Relume Dumará Editora.

Editora Segmento-Duetto Editorial Ltda.: Rua Cunha Gago, 412, 3º andar, São Paulo - SP CEP 05421-001, telefone (11) 3039-5633.

Relume Dumará Editora: Rua Nova Jerusalém, 345, Bonsucesso, Rio de Janeiro - RJ CEP 21143-235, telefone (21) 2564-6869.

Copyright da edição brasileira © 2005 Duetto Editorial

Indicação editorial

Agente: Schreier (Relume Dumará Editora)

Coordenação editorial da série brasileira

Ana Claudia Ferrari e Ana Luisa Astiz (Duetto Editorial)

Tradução e edição

Carlos Mendes Rosa

Revisão técnica

Paulo Schiller

Revisão

Eli Silveira Cunha

Capa

Imagem em primeiro plano: The Photographers Library

Diagramação

Ana Maria Onofri

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B298c Emanuel, Ricky
Angústia / Ricky Emanuel ; tradução Carlos Mendes Rosa. - Rio de Janeiro : Relume Dumará ; Ediouro ; São Paulo : Segmento-Duetto, 2005 (Conceitos da psicanálise ; v.10)

Tradução de: Ideas in psychoanalysis : anxiety
ISBN 85-7316-442-5

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Klein, Melanie, 1882-1960 3. Bion, Wilfred, 1897-1979. 4. Angústia. 5. Psicanálise. I. Título. II. Série.

05-2668.

CDD 150.210
CDU 159.344.28

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

INTRODUÇÃO

Ao começar a escrever este livro, deparei com muitas angústias. Será que vou conseguir terminá-lo no prazo e entregá-lo à editora? O livro vai agradar? Domino o que quero dizer e conseguirei ser claro? Isso tudo é bem normal. Em todos nós aparecem angústias quando estamos diante de um trabalho novo e potencialmente intimidador. Mas como superá-las? Será que elas vão me dominar e me impedir de pensar e escrever ou vão me incentivar a “criar” este livro? Quais são, precisamente, essas angústias? E qual é a função delas, se é que têm alguma?

Se eu tentar analisar mais detidamente o que me deixa angustiado – em outras palavras, pen-

sar no meu estado emocional e dar-lhe um nome –, talvez as angústias se modifiquem. Minhas angústias não são necessariamente irracionais, embora algumas delas possam ser. Se eu as analiso com mais cautela, descubro que estou angustiado com o meu desempenho. Ou seja, as críticas serão muito severas? Vão me chamar de enganador? Sei o suficiente sobre o assunto que justifique o fato de eu ter sido convidado para escrever este livro? Terei inspiração naquilo que os psicanalistas chamam de meus “objetos bons”, essas forças misteriosas dentro de mim que são a origem da minha segurança? Minha “nuvem de incerteza” com relação a todo o projeto será acolhida e contida por “eles” ou eu vou desapontá-“los”?

Essa última angústia diz respeito a um sentimento intimidador ou tormentoso associado ao medo de ser julgado com severidade, mas também a um tipo diferente de angústia, um sentimento de desânimo pelo fato de eu ser ou não digno das expectativas do meu objeto bom acerca de mim. Alguns leitores podem reconhecer que isso tem alguma relação com a cons-

ciência, o superego de Sigmund Freud e o ideal de ego na relação deles com o meu ego. Há também aí alusões à diferenciação dos tipos de angústia feita pela psicanalista Melanie Klein, divididos em persecutória e depressiva, e ao problema da contenção dessa angústia descrito por Wilfred Bion. Vemos, assim, que o tema deste livro é bastante amplo e abrange todo o espectro da psicanálise.

Escreve o psicanalista Robert Hinshelwood: “A história da psicanálise tem-se caracterizado pela tentativa de entender a angústia fundamental da condição humana”¹. Procurarei examinar neste livro o que se tem pensado sobre a angústia na psicanálise, de Freud até hoje, quando as neurociências começam a contribuir com novas descobertas para as formulações psicanalíticas. Espero que os exemplos escolhidos esclareçam as idéias que tentarei transmitir, uma vez que não se trata de uma exposição teórica da evolução do conceito de angústia no pensamento psicanalítico, mas de uma tentativa de tornar mais compreensíveis, do ponto de vista da psicanálise, as situações cotidianas enfrentadas por todos nós.

O QUE É ANGÚSTIA

Certamente a angústia não é apenas um medo irracional. Em muitos casos, seria irracional *não* estar angustiado. Por exemplo, uma pessoa que acabou de saber que está com câncer tem toda razão de sentir angústia. Ficaríamos assustados se ocorresse o contrário. Embora parte do medo dela possa ser irracional, o fato de ela estar atemorizada não é.

As angústias irracionais quase sempre se manifestam nas fobias, como o medo de aranha, de trovão, de espaços abertos etc. No entanto, às vezes essas angústias fóbicas têm um fundamento real. Uma definição mais útil, que não recorre a medos reais ou imaginários, é “reação a algum fator ainda não reconhecido, seja no ambiente, seja no eu”. A reação pode ter origens conscientes ou inconscientes.² Essa definição apresenta a incerteza como fator central da angústia e se parece com a definição de angústia feita por Bion, de “premonição da emoção”³, a qual ressalta que a angústia está ligada a uma experiência emocional que provavelmente será vivida muito em breve e enfatiza a sua natureza desconhecida.

A idéia de premonição também contém um traço essencial da angústia, pois transmite algo próximo de um sentimento de pavor. Além do mais, situa a experiência no corpo da pessoa que a sente, já que as emoções são acima de tudo estados somáticos. Todos sabemos como é a angústia: aperto na barriga, coração acelerado, sensações desagradáveis ou uma impressão vaga mas persistente de inquietude ou de sossinho.

Hinshelwood diz que as teorias psicanalíticas sobre a angústia proliferaram com o tempo e estão ligadas principalmente a problemas decorrentes de formas variadas de conflito.⁴ O pensamento de Freud a respeito da angústia mudou ao longo da sua carreira e pode ser dividido em três fases. Na primeira, ele acreditava que a angústia não estivesse diretamente ligada a idéias ou pensamentos, mas resultasse da acumulação de energia sexual, ou libido, produzida pela abstinência sexual ou pela excitação sexual não consumada – por exemplo, o coito interrompido. A libido que não se manifesta torna-se “represada” e, tal qual uma substância tóxica, transforma-se em angús-

ria. Achava-se que a prática sexual regular abrisse esse bloqueio e liberasse a angústia.

Quando não há nenhuma possibilidade de descarga, o aumento na tensão pulsional dá lugar a sensações desagradáveis, ao passo que a descarga, que reduz o acúmulo da tensão pulsional para retornar ao equilíbrio, ou homeostasia, pode ser agradável. É fácil constatar isso numa multidão que assiste a uma partida de futebol. No futebol, quase sempre é difícil marcar um gol, e essa incerteza e o acúmulo de tensão geram angústia. Existe uma expectativa sempre crescente de ganhar ou perder numa situação de conflito estilizada, em que a vitória e a humilhação andam muito próximas.

A maioria dos espectadores na multidão sente isso, o que resulta em tensão, que se observa facilmente nos rostos e é sentida por todos no próprio corpo. Os gritos da multidão são um modo aceito socialmente de descarregar a energia acumulada. O grau de angústia aumenta quando o time para que se torce não consegue marcar o gol e especialmente quando o adversário consegue. No entanto, quan-

do o seu time *faz o gol*, ocorre uma liberação de tensão enorme nos gritos, nos pulos e na algazarra, de que todos participam. A sensação de um alívio prazeroso é perceptível e pode ser parecida com um orgasmo.

O fato de tanto o aumento desagradável da tensão quanto a sua liberação serem partilhados por um grupo numeroso ajuda a dominar a angústia, pois ela se dispersa entre todos e é, assim, mais fácil de suportar. Costuma ocorrer a tentativa de projetar os sentimentos ruins nos torcedores adversários, por exemplo, zombando deles, quando o time “da casa” está ganhando – todos os dedos apontam para eles, mostrando a direção da projeção. E a torcida entoia: “Vocês não estão cantando, não estão cantando mais!”

Os fanáticos por futebol dizem sempre que ver o seu time ganhar uma partida é melhor do que sexo. Já se demonstrou que o nível do hormônio masculino, testosterona, aumenta nos torcedores no final de um jogo que o seu time perdeu. Essa energia sexual “represada” pode se tornar tóxica de uma maneira parecida com a descrita por Freud.

Se não ocorre a liberação desse acúmulo de tensão tóxica quando, por exemplo, o time perde ou quando o prazer com o gol marcado desaparece assim que o outro time empata, a angústia pode aumentar e provocar a descarga da tensão de um modo reprovável, por meio de comportamento violento e anti-social. É mais comum, porém, interiorizar a tensão, fazendo surgir uma sensação mais semelhante ao mau humor. Sei que muitos outros fatores complexos no indivíduo e no grupo estão em jogo nesse exemplo, que foi bastante simplificado para tornar mais clara a exposição.

REPRESSÃO

Na época em que Freud escrevia, reinava a repressão sexual vitoriana, e muitos problemas encontrados na prática clínica provinham da angústia causada por desejos sexuais inaceitáveis. A teoria da angústia subsequente de Freud tratou da repressão. Nessa fase do seu pensamento, os desejos sexuais, os impulsos e as ânsias inaceitáveis que brotavam do id primitivo passaram a conflitar com as normas sociais “civilizadas” interiorizadas no indivíduo na forma do ego ou do superego.

O ego (ou eu), em meio às exigências dos seus dois “senhores” – o id e o superego (ou consciência), mais poderoso –, reprime as idéias ligadas às ânsias sexuais instintivas e as relega ao inconsciente. A energia associada à idéia é liberada e pode ser usada para outros fins, o que Freud chamou de *sublimação*. O estímulo para a repressão é a angústia no ego, criada pelo conflito entre a pulsão sexual e as normas sociais.

Isso continua válido hoje em dia, quando, por exemplo, o desejo da criança de “casar com a mãe” provoca-lhe um suposto conflito com o seu pai, o rival, na realidade externa, ou na sua consciência, na realidade interna, quando ela quer livrar-se do pai para ter a mãe só para si. O conflito cria angústia, e as idéias ligadas a esses desejos sexuais pela mãe, inaceitáveis, são reprimidas e tornam-se inconscientes. Essa situação edipiana será discutida mais adiante (veja na página 29), por ser motivo de muitas angústias.

A idéia reprimida pode às vezes tentar voltar ao consciente – “o retorno do reprimido” –, o que talvez gere nova angústia no ego, por sinalizar a emergência de alguma coisa perigosa.

ANGÚSTIA AUTOMÁTICA E SINAL DE ANGÚSTIA

A concepção freudiana posterior contou com uma diferenciação de dois tipos principais de angústia. A angústia primordial, mais primitiva, diz respeito a uma experiência traumática de desintegração total que leva a uma possível destruição, decorrente do fato de a pessoa ser invadida por uma quantidade desmedida de tensão pulsional. Laplanche e Pontalis descrevem a angústia automática ou primária como

*a reação do sujeito que se encontra numa situação traumática – isto é, sempre que seja submetido a um afluxo de excitações, de origem externa ou interna, que é incapaz de dominar.*⁵

À assim chamada angústia automática se contrapõe o sinal de angústia, posterior, que serve de aviso da possibilidade de surgimento da primeira – ou seja, um medo de destruição.

Uma obra subsequente de Freud⁶ descreveu o sinal de angústia não como “uma tensão pulsional con-

flituosa, mas um sinal de uma tensão pulsional *antecipada* manifestado no ego”⁷. Daí a idéia psicanalítica clássica de que a angústia é um sinal ou aviso de que algo tremendamente terrível está para acontecer, de modo que é melhor fazer alguma coisa bem rápido se se quer sobreviver física e mentalmente. A angústia pode ser comparada com uma imensa tempestade elétrica na mente.

Freud achou que isso tivesse relação com a experiência avassaladora do nascimento. A função do sinal de angústia é, portanto, tida como crucial e de fundo biológico, para avisar o organismo de um perigo ou uma ameaça ao seu equilíbrio. A angústia é sentida como um aumento na tensão corporal ou mental, e os sinais que o organismo recebe desse modo lhe permitem preparar uma ação defensiva contra o perigo percebido, o que o psicanalista Charles Rycroft designa de “uma forma de vigilância voltada para dentro”⁸.

Ambos os tipos de angústia, a automática e o sinal, são tidos como derivados do “desamparo mental da criança pequena, que equivale ao desamparo biológico”⁹. A angústia automática ou primária de-

nota uma espécie de reação espontânea ligada a um medo de destruição completa resultante da sensação de opressão total; não implica a capacidade de julgar ou perceber a origem dos estímulos irresistíveis e diferencia-se, assim, do sinal de angústia. A função do sinal de angústia é “garantir que a ansiedade primária [automática] nunca seja sentida, ao permitir que o ego tome precauções de defesa”¹⁰ (grifo meu). Portanto, estamos falando de uma situação em que aprendemos a distinguir os indícios ou sinais de aviso assimilados em experiências anteriores ruins, desagradáveis ou traumáticas, a fim de evitá-los.

Desse modo, a angústia tem a função crucial de proteger o organismo de perigo físico ou psíquico. A característica “nunca mais” é conhecida de todos os que já se sentiram feridos, magoados ou oprimidos. O medo de dissolução do ego ou desintegração ou morte é para todos uma situação de angústia primitiva. Achava-se que esse medo tivesse relação com o trauma do nascimento. Depois, porém, pensadores da psicanálise, como Melanie Klein e o próprio Freud nos seus trabalhos posteriores, ligaram-no a um medo

da pulsão de morte ou agressão existente no interior do indivíduo. Outros psicanalistas, como Easter Brick e Wilfred Bion, relacionaram-no com uma falha de contenção. Todas essas idéias serão expostas mais adiante (páginas 51-56).

Esses medos de desintegração, fragmentação ou dissolução são vistos facilmente em muitas cantigas ou histórias infantis. Talvez a mais conhecida seja *Humpty Dumpty*. Ele caiu de muito alto e se partiu em tantos pedaços que nem todos os cavalos do Rei nem todos os homens do Rei conseguiam remontá-lo. A angústia do irreparável Humpty tem muitas origens. Todavia, vou me concentrar aqui no medo de desintegração, ou angústia automática.

Um menino de 3 anos ficou tão aflito ao ouvir os primeiros versos de *Humpty Dumpty* numa fita cassete (sinal de angústia) que juntou as mãos no rosto e suplicou: “Avance rápido, Humpty, avance rápido, Humpty!” Se não houvesse ninguém na sala para correr a fita para a frente, a criança teria corrido para fora da sala e esperado a música terminar, para só então voltar. Vemos aí o sinal de angústia criando manobras

defensivas para evitar a angústia primordial da desintegração total.

É importante notar que a idéia de angústia de Freud provém do fato de que as crianças pequenas são seres indefesos e profundamente dependentes da atuação dos pais, por um período muito mais longo do que qualquer outra espécie, para reduzir os estados de tensão decorrentes de fome, sede, perigo, frio e assim por diante. A experiência do desamparo é tida como protótipo de todas as situações de trauma. O trauma surge quando o organismo não consegue regular o seu estado e fica sobrecarregado. Freud reconheceu que em qualquer situação de trauma

Os perigos internos têm em comum uma perda ou separação que ocasiona um aumento gradual na tensão, até que o sujeito se vê incapaz de dominar as excitações e é dominado por elas – é isso que define o estado que gera o sentimento de desamparo [...]. O desamparo total da criança pequena por um período relativamente longo significa que os perigos do mundo exterior têm uma importância muito maior para ela, de modo que aumenta enormemente o

*valor do objeto que sozinho pode protegê-la deles e tomar o lugar da sua antiga vida intra-uterina. Esse fator biológico, portanto, estabelece as situações de perigo precoces e cria a necessidade de amor, que acompanhará a criança pelo resto da vida.*¹¹

Esse fato é crucial para compreender a angústia da separação (abordada em detalhe nas páginas 56-63) É também fundamental para a teoria do apego, elaborada pelo psicanalista e psiquiatra infantil John Bowlby, a qual ressalta a função primordial e biológica dos laços afetivos íntimos entre os indivíduos. O sistema comportamental de apego é uma organização neurobiológica existente no indivíduo que vigia e avalia as situações e as ocorrências, a fim de preservar uma sensação interna de “segurança sentida” e proteção por meio da proximidade ou de um contato maior com um responsável específico, denominado figura de apego. O uso que Bowlby faz do termo “angústia” restringe-se às situações da falta de alguém que é amado e ansiado.¹² Escreve a psicoterapeuta infantil Juliet Hopkins:

Por toda a vida, sentimos angústia quando somos ameaçados por um ambiente hostil ou em razão do afastamento ou da perda das nossas figuras de apego.¹³

Freud considerou a perda de um objeto amado uma das angústias mais primordiais. Sua ênfase no papel decisivo da angústia de castração ou do medo de perder parte do corpo – especialmente o pênis, no menino pequeno – pode também ser entendida como uma variante da angústia da separação ou perda. A perda do pênis não só significa a perda de uma fonte de prazer como tem um valor narcísico para a criança. Constitui ainda, na fantasia e na vida sexual posterior, de forma simbolizada, uma maneira de restabelecer a união primordial perdida com a figura da mãe.¹⁴

A regulação emocional por meio de um relacionamento com uma figura materna ou paterna ou de apego é, assim, crucial para o desenvolvimento humano. Na verdade, já se demonstrou que, em situações de exposição contínua a um trauma na infância em que a regulação emocional não consiga reduzir a tensão pulsional, a criança permanece superexcitada

e hipervigilante do perigo, o que resulta na incapacidade de desenvolver as estruturas neurológicas essenciais imprescindíveis para o desenvolvimento.¹⁵

ANGÚSTIA COMPULSÓRIA

A angústia tem, portanto, uma função crucial na sinalização de perigos reais ou imaginários a fim de evitar que o organismo se sobrecarregue de emoções. A idéia de a angústia ser uma “premonição da emoção” implica, assim, a possibilidade de que a emoção que se sentirá será avassaladora e traumática.

Se a emoção é reconhecida, ela pode estar ligada de algum modo a uma resposta defensiva antecipada, a uma lembrança ou a um nome, o que em si talvez reduza a angústia. Quando você sabe o que uma coisa é, pode pelo menos refletir sobre ela e pensar no que fazer para tentar controlá-la. A previsibilidade é um fenômeno que reduz a angústia, pois implica a diminuição da incerteza e do desamparo, os quais, como vimos, são fatores fundamentais na criação da angústia.

É fácil observar isso no costume das crianças de adorar que lhes contam várias vezes histórias mui-

to assustadoras. Uma criança que assistia pela primeira vez ao desenho animado *Os Três Porquinhos*, da Disney, ficou apavorada com o Lobo Mau, que era capaz de “comer você inteirinho”. Ela passou a ter medo de lobo. Aliás, esse menino evitava olhar para eles nos livros e não queria ouvir as histórias infantis em que os lobos figuravam, como *Chapeuzinho Vermelho*. Queria, no entanto, assistir várias vezes ao vídeo que o aterrorizara. Ele esperava ansiosamente o aparecimento do lobo e depois começava a gargalhar alto, como se não tivesse medo algum. Parecia que ele se forçava a enfrentar o medo para dominá-lo. O menino costumava brincar com um jogo em que ele era caçado, apanhado e comido pelo lobo, e depois invertia a situação, caçando e comendo o perseguidor.

Ao mesmo tempo que se pode dizer que a criança criou uma fobia a lobos e queria evitar situações em que pudesse encontrá-los, ela assistia ao vídeo vezes seguidas para se convencer de que não estava desamparada e conseguia prever, como se fosse uma vitória, a aparição do lobo. A própria fobia é um modo de

ligar uma angústia mais generalizada a uma situação específica, que pode então ser controlada em certa medida. Isso, por sua vez, reduz o desamparo que se encontra na origem da angústia.

Muitas fobias são usadas dessa maneira e indicam uma angústia mais profunda. Felizmente, a maioria só provoca uma incapacitação leve. A angústia compulsória também se manifesta na auto-agressão proposital, pela qual as pessoas se ferem ou provocam dor em si mesmas. Embora possa ter causas e significados diversos, esse ato constitui quase sempre uma tentativa da pessoa de situar uma dor ou angústia vaga e incontrolável em determinada parte do corpo controlada por ela. Uma adolescente de 16 anos contou que, quando viu o sangue escorrer de um corte que ela fizera no *próprio braço*, não só a sua *tensão interna se reduziu*, como se *safasse com o sangue*, mas também a *origem da dor* foi identificada e controlada. Isso *reduziu a angústia* dela, embora tivesse a *consequência negativa* de criar culpa, que é um tipo *distinto de dor* psíquica.

AS OPINIÕES DE MELANIE KLEIN SOBRE A ANGÚSTIA

O trabalho de Melanie Klein modificou radicalmente o entendimento da angústia, porque ela alterou o foco de atenção de uma situação de angústia genérica, preferido por Freud, para o do *conteúdo* de uma fantasia interior com a angústia, para dar-lhe sentido. Klein definiu duas modalidades claramente distintas de angústia e defesa: a posição esquizoparanóide e a posição depressiva. Ela atribuiu importância fundamental ao estudo da angústia no trabalho psicanalítico: “Desde o início do meu trabalho psicanalítico, meu interesse se concentrou na angústia e nas suas causas”¹⁶.

Também se achava que a angústia fosse a motivação principal do desenvolvimento, embora uma angústia excessiva tenha também o efeito contrário e, quando demasiada e incontrolável, implique a inibição do desenvolvimento.

Klein sustentou que as crianças pequenas têm um interesse inato por todos os tipos de conhecimento, e que o primeiro objeto que desperta a curiosidade do

bebê é o corpo da mãe – o que ocorre dentro dele, o que ele contém, qual a relação do conteúdo com a aparência externa e em que ele se diferencia do corpo da própria criança. Concordando com Freud, Klein também achava que no interior de todas as pessoas ocorria uma interação contínua entre o que se pode chamar de instintos de vida (ou amor) e o instinto de morte (ou ódio), fazendo surgir a ambivalência.

As experiências gratificantes com a mãe geram impulsos amorosos, enquanto as experiências frustrantes geram ódio e raiva. É fácil observar como um bebê consegue passar rapidamente de um desses estados para o outro e retornar ao anterior. O bebê que espera ser alimentado e grita de raiva parece estar tomado de um sentimento negativo intenso. Assim que ele é pego e colocado no seio, tudo muda. O bebê se acalma imediatamente, como num passe de mágica, e fica aliviado e confortado.

A tensão pulsional desagradável que cresce no bebê é sentida na forma da presença de um “seio mau” que o ataca, e não como a ausência de um “seio bom”. O alívio propiciado pela alimentação afasta o seio mau

e o substitui pelo seio bom. Na linguagem corrente, as pessoas falam, por exemplo, de “deixar o frio pra fora”, insinuando que elas vêem no frio um intruso negativo, em lugar da idéia correta na termodinâmica de o calor escapar ou da ausência de calor.

O outro preceito da teoria de Klein refere-se ao que ela denominou *fantasia inconsciente*. Significa, em resumo, que todos os impulsos corporais e as experiências emotivas têm representação mental na forma de fantasia, que a criança pequena usa para constituir sua imagem singular do mundo. O bebê tenta o tempo todo dar sentido à sua experiência, construir um modelo do mundo – uma representação interna que é modificada e aferida continuamente ao longo da vida. Por exemplo, o estado de tensão pulsional desagradável decorrente da fome pode dar ao bebê a impressão de estar sendo atacado por um objeto interno mau. Assim, desde o princípio a criança traz consigo um mundo interior dinâmico, mutável e vivo. Esse mundo é povoado de representações do eu relativas aos outros significativos, denominados objetos internos ou porções

do eu relacionadas entre si. O estado desses objetos internos muda de acordo com o que se atribui a eles e com o que se assimila das pessoas no meio ambiente – os nossos objetos externos. Diz a psicanalista Betty Joseph:

*Sabemos que formamos as nossas personagens assimilando em nós – introjetando – as nossas relações primordiais com os pais e figuras próximas da infância do modo como as percebemos, e o que sentimos por nós mesmos depende do mundo que construímos em nós, o nosso mundo interior.*¹⁷

A percepção que o bebê tem da realidade externa depende da sua representação interiorizada do mundo e das relações no interior dele mesmo, e o bebê só pode dar sentido a essa sua experiência tendo a representação por referência. Klein chamou isso de *primazia da realidade psíquica*. Muitas das suas observações têm sido confirmadas pela pesquisa recente com crianças, que demonstrou que o mundo interior do bebê é muito mais complicado do que se imagina-

va e que toda a percepção é mediada pelo significado que o cérebro lhe atribui.

Para o feto, o “mundo” é o interior do corpo da mãe, que, do ponto de vista do bebê, contém tudo que existe. Klein supôs que o bebê tivesse uma curiosidade intensa por ele. Acreditava também que tivesse um conhecimento inconsciente da relação sexual numa forma rudimentar, assim como um conhecimento inconsciente da existência do pênis do pai. O corpo da mãe representa na fantasia inconsciente “o tesouro de tudo que é desejável e só pode ser obtido aí”¹⁸.

Quando o bebê está frustrado, zangado ou com raiva, *nas suas fantasias* ele ataca o corpo da mãe com qualquer coisa que tiver à disposição. Pode ser com mordidas, usando seus maxilares e gengivas vigorosos e mais tarde os dentes, numa fantasia de rasgar, devorar, arrancar, retalhar, mastigar etc. o seio ou o mamilo frustrante. Ele pode achar que suas fezes são potencialmente perigosas, explosivas como bombas que saem com um estrondo do seu reto, venenosas ou contagiosas. Sua urina, que dá uma sensação de calor ou queimação, pode ser empregada na fantasia

de queimar, afogar e assim por diante. A criança sente que o corpo da mãe e o seu conteúdo – sobretudo os seios ou o pênis do pai, supostamente incorporado durante o ato sexual – são destruídos e danificados, e ela se sente intensamente perseguida pelo pavor e pelo medo de retaliação do dano que causou.

Tudo isso soa muito bizarro e forçado, mas quem observa com atenção as brincadeiras ou os desenhos das crianças ou escuta os seus sonhos confirma essas fantasias. Muitos filmes fazem referência a elas, especialmente os de terror. Tais fantasias costumam ser reprisadas nas atrocidades de guerra.

Klein achava que a figura mais provocante e assustadora para a criança fosse a suposta aliança hostil da mãe e do pai, que ela chamava de “objeto mau combinado”. Ela pode acontecer quando o bebê se sente excluído da cama dos pais ou da relação íntima deles. Se a mãe está ausente para o bebê, este talvez conclua que ou ela está com o pai ou com outras crianças. Isso faz parte da conhecida situação edipiana.

Na sua fantasia no mundo interior, a criança ataca os pais juntos ou a mãe, com alguma representação

do pai no interior dela, como o seu pênis, resultando numa figura combinada danificada, que se torna o objeto mais assustador e angustiante para o bebê. Esses objetos internos “maus” podem danificar o bebê por dentro com os mesmos recursos que ele usou antes nos seus ataques ou ser situados em objetos maus externos. A criança sente que a sua vida corre perigo.

É bem comum os bebês terem muito medo de pegar o seio, arqueando as costas, gritando ou se afastando, depois de ficarem zangados ou frustrados por terem tido de esperar durante uma separação. O seio ausente pode ter sido agredido na mente do bebê, que, assim, manifesta o medo de voltar ao seio que lhe é hostil. Desse modo, a criança se encontra ansiosa e temerosa dos ataques retaliativos a ela que partem de objetos dentro ou fora dela, motivada principalmente pela lei de talião – olho por olho, dente por dente –, e usa das suas defesas poderosas para proteger-se e o seu equilíbrio.

A destruição do corpo da mãe e de partes e do conteúdo dele se desenrola no mundo interior da criança; na realidade externa, o bebê pode provocar

poucos estragos, a não ser, talvez, machucar o mamilo da mãe ou arranhá-la. É muito reconfortante para o bebê quando a mãe volta para ele com um jeito amistoso e ele vê que a mãe não foi destruída. A confirmação da sobrevivência dela lhe permite ter mais confiança na distinção entre a realidade interna e a externa e saber que ele não é onipotente – ou seja, o seu pensamento e a sua fantasia não são tão mágicos nem tão poderosos como ele crê.

BRINCADEIRA E FANTASIA

Quero dar um exemplo de como uma observação atenta das brincadeiras de uma criança de 3 anos, Jeff, com o seu irmão de 4 anos, Adam, podem esclarecer as fantasias manifestadas no brincar. As crianças representam na brincadeira uma série de ataques fantasiosos à mãe, ao pai e a uma associação de ambos. Depois, vemos que as crianças passam a ser perseguidas.

As crianças estavam numa creche porque a sua mãe, solteira, as abandonara alguns meses antes da observação. Jeff tinha acessos de raiva terríveis, espe-

cialmente depois de acordar, quando se dobrava como um feto e não suportava que olhassem para ele.

Jeff está andando por uma sala da creche arrastando o seu agasalho pelo chão. A assistente social lhe pede que pendure o agasalho.

“Não consigo”, diz Jeff.

“Tenho certeza de que você consegue”, responde a assistente, com o que Jeff pendura o agasalho no cabide. *[Vemos aí que Jeff se sente vazio por dentro, incapaz de fazer qualquer coisa.]*

A assistente está sentada à mesa de culinária com o irmão de Jeff, Adam. Jeff senta-se e diz: “Quero brincar com você. Você pode fazer uma salsicha para mim?”

“Tente você”, afirma a assistente. “Se você não conseguir, eu vou ajudar.”

Jeff enrola um pedaço de massa e diz à assistente: “Isso é uma salsicha?”

“É”, responde a assistente. “Está bonita.”

Adam diz: “Não, é uma cobra”.

Jeff emenda: “Não, não é uma cobra”.

Jeff então achata a massa com o rolo. Põe o rolo de lado e diz à assistente: “Como se faz uma bola?”

A assistente lhe mostra e diz: “Agora é a sua vez de fazer uma”.

Jeff pega a massa, enrola-a como a assistente mostrou e diz: “Isto não vai ser uma salsicha”.

Então, pede: “Você pode fazer um colar para o meu braço?”

A assistente social faz o “colar” e o entrega a ele. Jeff o parte em pedaços pequenos, joga-os na mesa e bate neles furiosamente com o rolo. *[O colar no braço era algo feminino que ele queria, talvez associado à mãe que o abandonou, e o objeto provoca um ataque arrasador com o rolo. Esse achatamento das coisas – coisas potencialmente boas que se tornam más, também como a salsicha masculina que se transforma na cobra e acaba achatada – parece ligado ao seu estado acachapado e abatido do início.]*

Então Jeff se levanta da mesa, volta a se sentar, levanta de novo, vai até o canto, pega um boneco e diz: “Ele tem pipi”. *[Lembre-se das referências anteriores a salsicha, cobra e bola.]*

Jeff põe o boneco na mesa de abrir massa e Adam gruda um pedaço de massa sobre a região do pênis do boneco. Jeff diz: “Pipi, pipi!” Olha para a assistente social, gruda massa na barriga do boneco (a massa é vermelha) e diz: “Que a barriga dela sangre”. *[Note a mudança de sexo e a associação ao ato nocivo do pipi. Implica uma combinação ruim de pipi com barriga, provocando o sangramento. Klein chamava isso de fantasia de relação ruim. O boneco, agora, parece tanto feminino quanto masculino, um objeto mau combinado provavelmente estragado e portanto perigoso.]*

Diz Adam: “Vamos pôr isso na cara dela” – o que ele faz.

Jeff põe então um pouco de massa na própria boca (o que é proibido na creche) e afirma de um modo desafiador: “O que eu estou comendo?” *[Acho que ele tenta provocar um castigo por suas agressões sádicas, além de se identificar com o objeto da agressão – ingerindo-o, conforme dito acima.]*

Adam tira a massa do pipi do boneco. Jeff diz: “Põe isso de volta no pipi dele”. *[Ou seja, tornar o bo-*

neco feminino cobrindo-lhe o pênis, ou representar a idéia de que a mãe e o pai estão fundidos e misturados um ao outro. Pode também representar a angústia de castração descrita por Freud, com a idéia de que a mulher é um homem sem pênis.]

Jeff põe mais massa na cara do boneco, dizendo: “Ele nem gosta de mim; ele consegue ver”. *[Jeff parece que começa a se sentir perseguido pelo objeto atacado e danificado, que pode vê-lo e se vingar – lembre-se do pavor dele ao acordar e de não querer que olhem para ele.]*

Jeff então se recosta e vê Adam cobrir todo o boneco de massa. Jeff diz: “Estamos pondo fogo nela”. *[Ou seja, destruindo-a pelo fogo.]*

Adam usa toda a massa e diz: “Quero mais um pouco”.

A assistente responde que não há mais.

Jeff acha um pedacinho de massa e diz a Adam: “Ponha a massa nos dedos dos pés dela – dele, desculpe”. *[Especialmente aí vemos a permuta entre o feminino e o masculino, talvez representando a combinação de ambos.]*

Jeff mostra à assistente o pedacinho de massa que tem na mão e diz: “Veja, eu tenho massa; é cor-de-rosa”.

Ele se levanta e diz em tom de desdém: “Olhe só essa boneca”.

Ele sai na direção da areia.

Acho que essa observação mostra claramente como um ataque à mãe e ao corpo dela, com referências à mãe e ao pai misturados um ao outro, deixa-a sangrando e em chamas, com o homem que não gosta do que vê pronto para retaliar – uma situação bastante persecutória para esses garotinhos. Eles então se afastam e, com um espírito de negação, característico de uma das defesas da posição esquizoparanóide, abandonam tudo e vão embora.

Hinshelwood menciona o uso que Klein faz da expressão de Freud “situação precoce de angústia”

*para referir-se a situações primordiais de angústia ou perigo para a criança e a aplicou às suas descobertas dos medos decorrentes das fantasias sádicas de atacar o corpo da mãe e da retaliação esperada.*¹⁹

Embora a situação precoce de angústia também envolva o medo da perda do objeto amado de um modo parecido com o descrito por Freud e já mencionado (página 20), no momento estamos enfocando as angústias persecutórias, que compreendem primordialmente uma ameaça ao eu. O princípio prioritário é a segurança e o conforto do eu – pobre de mim. Existe pouca ou nenhuma consideração pelo outro e uma rejeição da responsabilidade pessoal.

Essa situação precoce de angústia persecutória é responsável por muitas das angústias que enfrentamos. Por exemplo, voltando à criança que tem pavor de lobo e à fobia resultante disso (páginas 22-23), o medo que a criança tem do lobo que é capaz de “comer você inteirinho” pode ser interpretado como um medo de retaliação dos desejos dela de devorar o seu objeto, provavelmente o seio na sua primeira manifestação, depois a mãe e o conteúdo do seu corpo – o pai inclusive.

Talvez você se lembre do jogo invertido executado para dominar essa angústia, em que primeiro a criança perseguiu a mãe e a comeu e depois ela “retaliou”.

As formulações de Klein permitem dar algum sentido a essas angústias primitivas mas onipresentes e às suas manifestações no comportamento.

TERROR

O terror é uma angústia paranóica (bastante persecutória) sentida em pesadelos e nas angústias com monstros, fantasmas e assim por diante, que acarreta uma sensação de paralisia, que por sua vez “não deixa espaço para a ação”²⁰.

Donald Meltzer acredita que o terror se origina sobretudo nos medos intensos de objetos mortos – especialmente os bebês da mamãe mortos na realidade psíquica. Meltzer comenta que “não se pode nem ter sucesso ao fugir do objeto de terror”²¹.

O terror é uma angústia tão comum que as pessoas assistem a filmes de terror para se aterroizar e tentar ter algum controle sobre ele, assim como o menino assistia várias vezes ao filme dos três porquinhos. As histórias de fantasma também proliferam na literatura. Essas angústias muito persecutórias costumam aflorar nos pesadelos, e as

brincadeiras infantis estão cheias delas. A brincadeira permite à criança a possibilidade de exprimir a angústia e, assim, refreá-la.

Uma angústia muito comum que se manifesta nas crianças (e nos adultos também!) é o medo de ladrões e invasores. É diferente do medo de ladrão justificado pela realidade. Mais uma vez, as teorias de Klein ajudam a dar sentido a esses medos se lembrarmos que a criança, na fantasia, invade o corpo da mãe – sua primeira moradia – a fim de danificá-lo ou roubar. São muito comuns os medos de retaliação resultantes, entre eles o de assaltantes que entram à noite pela janela para esfaquear ou “pegar” a criança. Existem diversos exemplos de comportamento intrusivo que cria esse tipo de angústia – por exemplo, “assaltar” a bolsa da mãe ou se enfiar entre os pais na cama ou quando eles estão se acariciando.

Peter dá um exemplo mais claro. Na psicoterapia, a criança tem a oportunidade de expressar suas fantasias de maneira indireta por meio da brincadeira ou do comportamento.

Peter, de 7 anos, volta a atenção para a janela do consultório de psicoterapia durante uma das suas sessões. Ele percebe que o fecho está quebrado e se mostra ansioso. O terapeuta interpreta que o menino está com medo de ter quebrado o fecho. Peter olha o terapeuta nos olhos enquanto ele diz isso. *[Peter estava angustiado com o estrago que ele talvez achasse ter provocado nesse portal de entrada da sala.]*

Peter resolve consertar a janela. Faz tentativas cada vez mais rebuscadas, passando fita colante para fechar a janela e procurando consertar a tramela quebrada. Faz uma armadilha complicada contra intrusos, lembrando o terapeuta do filme *Esqueceram de Mim*, em que a criança deixada em casa pelos pais vence os invasores com uma profusão de armadilhas.

Peter vai até a sua caixa de brinquedos, pega um tigre, amarra-o e enrola-o com a fita colante, como se o estivesse aprisionando. Volta à janela e espalha cola sobre a fita, dizendo: “Se eles tocarem nisso...”

O terapeuta pergunta quem são “eles”.

“Os meninos malvados que entram”, responde Peter.

“Eles virão pegar você?” – pergunta o terapeuta.

“À noite, quando tem trovão, eu vou pra cama do Morris.” *[Morris é o irmão dele.]*

Peter prossegue: “Eles vão derrubar a porta, não a janela”.

É como se ele não conseguisse tornar a sala suficientemente segura e eles fossem entrar por outro lugar ao encontrar a janela bem fechada. *[Nos sonhos, em geral não se consegue matar os perseguidores. Eles se levantam depois de ter sido baleados etc. e continuam a ameaçar ou perseguir.]*

Um pouco depois, Peter vai até a janela e puxa a fita para liberá-la. *[Isso parece indicar um ataque dos perseguidores, embora ele agora controle o ritmo dos acontecimentos e não esteja inteiramente à mercê deles.]*

Peter se afunda no divã do consultório e parece que é atacado pela colcha. Luta com ela como se a sua vida estivesse em jogo. Mexe-se de um lado para o outro no divã, depois corre até a sua caixa de brinquedos e liberta o tigre que ele tinha amarrado. Nesse momento, ele mostra que se metamorfoseou no tigre. Começa a rugir e se move de quatro pela sala, investindo contra os móveis. Perambula pela sala rosnando

e então deixa de ser o perseguido; é o perseguidor. *[Essa identificação com o agressor é um artifício comum para lidar com a angústia persecutória, pois possibilita à pessoa projetar o medo em outro, que se torna a vítima do ataque.]*

Enquanto anda de gatinhas pela sala com ar ameaçador, rugindo, fingindo dar mordidas, arreganhando os dentes, Peter de repente diz “papai”.

“Papai?” – pergunta o terapeuta.

“Ele é bêbado”, responde Peter, que então desfecha um ataque às almofadas do divã, espalhando-as, gritando “são bebês”.

Agarra a massinha de modelar e, lançando-a com força contra a parede, diz que também é um bebê.

“O papai-tigre está tendo bebês. Ele os odeia. Ele os mata. Tem bebês demais. Eles podem matar o papai.”

Enquanto fala, ele arremessa a massinha ao redor, “matando-a”, dizendo, com voz de homem rude, “odeio bebês”, identificando-se claramente com o tigre/papai. O terapeuta diz que esse tigre/papai é muito apavorante e que Peter tenta ser ele para não ficar

tão aterrorizado e indefeso como devem se sentir os bebês que correm risco de vida.

Nesse caso, embora se veja que Peter está muito confuso com a origem da angústia, surgem alguns elementos claros. Ele obviamente está aterrorizado com a entrada dos invasores, que a princípio são os “meninos malvados”. Esses perseguidores logo são associados ao pai bêbado extremamente assustador. O ódio que o garoto tem dos bebês rivais é projetado no pai, que passa a ser aquele que odeia bebês e quer matá-los.

É uma defesa comum projetar no pai – e especialmente no seu pênis – o sadismo e a agressão decorrentes da exclusão da relação dos pais, ou “cena primitiva”, que produz bebês rivais. As pessoas acham estranho que as crianças pequenas se interessem pela sexualidade dos pais. Elas se interessam não só por causa das suas sensações sexuais e corporais, mas também porque a sexualidade dos pais é uma ameaça potencial a elas.

Peter provavelmente teve esses desejos assassinos para com a relação sexual dos pais e a ameaça de

outros bebês produzidos nela. Esses bebês sofrem um ataque feroz na fantasia dele, como a massinha e as almofadas na brincadeira. Os bebês atacados provavelmente são equiparados aos “meninos malvados” que o pegarão. A retaliação é clara, como a tentativa do garoto de não sentir a angústia primordial do desamparo, já comentada. Em vez disso, ele se identifica com o perseguidor e deixa de ser um menino assustado na cama à noite, tornando-se um tigre/papai medonho.

ANGÚSTIA DEPRESSIVA

As angústias com a periculosidade do corpo da mãe e, por extensão, da realidade externa interferem na exploração livre do mundo exterior. Essas angústias motivadas por medos de retaliação e aniquilação do eu, denominadas *angústias persecutórias*, contrapõem-se a um tipo diferente de angústia em que a preocupação fundamental é com a segurança ou o estado do objeto – por exemplo, a mãe e o seu corpo. Klein as chama de *angústias depressivas* e as correlaciona com a preocupação e o medo da perda

de um objeto bom resultantes dos ataques sádicos da criança a ele.

Como já mencionei (páginas 24-26), as relações íntimas são cheias de ambivalência, no sentido de que se sente tanto amor quanto ódio pela mesma pessoa. Quando o bebê apreende o “fato selecionado”²² de que a mãe má e a boa são uma só, o ódio e os impulsos destrutivos sentidos em relação à mãe “má” são também dirigidos para a mãe “boa”, que o bebê ama; ocorre então uma crise depressiva. O bebê fica preocupado com o dano que pode ter causado justamente à pessoa que ele mais ama. *A Balada do Cárcere de Reading*, de Oscar Wilde, retrata essa situação: “Contudo todo homem mata o que ele ama”. Isso faz surgir no bebê um tipo de angústia particularmente dolorosa e o desejo de reparar o dano pelo qual ele se sente responsável. Aliás, essa angústia é mais dolorosa que a persecutória, pois centra-se na culpa, na aflição – “O que foi que eu fiz?” –, no remorso, no arrependimento e na solidão.

Se a angústia depressiva envolve o medo da perda do amor da pessoa, a qualidade definida nessa angústia difere da exposta por Freud. A concepção de Freud

está mais ligada ao medo da perda de amor, que leva à perda da disponibilidade dos pais para reduzir os estados instintivos da criança. Essa concepção parece mais egocêntrica que a idéia de Klein da angústia depressiva. Uma vez que a preocupação com o bem-estar do outro predomina sobre a preocupação com o eu e se caracteriza por “pobre de você” (em comparação com o “pobre de mim” da angústia persecutória), ela também constitui a base da ternura, da empatia e dos anseios de reparação. A angústia depressiva implica assumir a responsabilidade pelos próprios sentimentos e as suas conseqüências. Betty Joseph diz:

*Claro que a tolerância da ambivalência, com o sentimento de culpa resultante, se elaborada satisfatoriamente, pode e deve reduzir a angústia, porque a consciência do amor e da preocupação e a tentativa de fazer algo a respeito vão abrandar a raiva e o ressentimento, o que diminui a angústia.*²³

Assim, a capacidade de suportar a angústia depressiva é uma grande conquista com vistas à maturidade no curso do desenvolvimento. Entende-se que muitas

conquistas mundiais e atos criativos têm relação com a necessidade de prestar uma contribuição, de fazer uma reparação, resultante de uma preocupação depressiva tolerante, demonstrando, desse modo, que a angústia estimula o desenvolvimento. Klein também se refere ao estímulo que a angústia de um bebê por um objeto – especialmente a variedade persecutória – representa na procura de novos objetos que podem não estar tão impregnados de perseguição, portanto ampliando a variedade de pessoas e coisas com que a criança se relaciona no mundo.

Se qualquer uma das formas de angústia for intensa demais, poderá ocorrer uma inibição ou limitação no modo de se relacionar com o mundo. Do mesmo modo, pode haver uma intensificação marcante dos sentimentos de culpa, desespero e desesperança caso se acredite que o dano provocado é irreparável e, por isso, imperdoável.

ANGÚSTIAS NO APRENDIZADO

Muitas das dificuldades de aprendizagem decorrem da situação em que existe um indício de

um dano real causado no corpo da mãe. Klein acreditava que:

É essencial para o desenvolvimento favorável da sede de conhecimento que se ache que o corpo da mãe está bem e incólume [...] Se não está destruído, não corre grande perigo e portanto não é perigoso, a vontade de buscar nele o alimento da mente pode ser realizada mais facilmente [...] Se se percebe o corpo da mulher como um local de destruição total, pode ocorrer uma inibição fundamental do desejo de conhecimento. Como o interior do corpo da mãe é o primeiro objeto desse impulso, na fantasia ele é explorado e investigado, assim como atacado com todo o arsenal sádico.²⁴

Isso pode soar estranho, mas lembre-se de que a “mãe-natureza” é um objeto primordial de conhecimento. Limitações intelectuais específicas às vezes resultam de defesas contra o sadismo – defesas que podem ter motivação persecutória e depressiva. Muitas palavras e expressões correlacionam o aprendizado com o processo de alimentação e digestão – por exemplo, “sede

de conhecimento”, “assimilar algo”, “alimento para a mente”, “ela devorou aquele livro”, “ele absorve tudo”, “não se deve dar as coisas de colher”, “esse assunto não foi bem digerido”, “arrotar conhecimento”, “engolir uma desculpa”, “ruminar uma idéia” etc.

Os psicanalistas acreditam que as primeiras experiências e situações estabelecem modelos para a personalidade, que reaparecem de formas diferentes ao longo do desenvolvimento. As angústias com a alimentação invariavelmente têm relação com angústias primordiais e, assim, podem afetar a capacidade de aprender. A fantasia associada a certa atividade determina, então, o resultado dessa atividade.

Para ser capaz de ler e descobrir as coisas, é necessário ser capaz de enxergar o que está sob a superfície de um assunto, “mergulhar” nele. Isso exige uma atividade mental penetrante.

Um livro é a casa de uma história.

Uma rosa é a casa de um cheiro.

Minha cabeça é a casa de um segredo.

Um segredo, nunca vou contar.²⁵

Uma palavra, portanto, é a casa de um significado, e a primeira casa que o bebê ocupa é o corpo da mãe. Se o corpo da mãe é tido como um local “de destruição total”, segundo as palavras de Klein, poderão surgir muitas dificuldades de aprendizado, inclusive limitações de leitura caso a mãe tenha tido, por exemplo, um natimorto, um aborto ou doença grave. Pode ocorrer a angústia de ela ser frágil demais para suportar os ataques fantasiados aos seus filhos natimortos ou nascidos vivos ou de as fantasias sádicas da criança serem realmente tão poderosas na realidade externa quanto o são na interna.

Nas famílias que têm crianças com dificuldade de aprendizado levadas a especialistas, é comum constatar que houve a morte de um bebê ou uma criança por um ou outro motivo.²⁶

Como mencionei (páginas 38-39), a criança pode reagir de um modo persecutório, aterrorizando-se e temendo a retaliação do fantasma das crianças mortas por estar viva e ocupar o lugar delas, ou reagir depressivamente e se sentir muito culpada com o que ela imagina ter feito. Talvez as realizações da criança

sejam inibidas em resultado disso. De todo modo, o seu aprendizado é prejudicado.

Existem muitas angústias que interferem na capacidade de aprendizado, entre elas a ação da inveja. A pessoa pode refrear as suas realizações a fim de não motivar ataques nocivos ou destrutivos decorrentes da suposta inveja de alguém. Há ainda a necessidade de tolerar a frustração por não se saber algo que leva ao aprendizado de uma novidade. Para tratar desse assunto em mais detalhe, uma vez que é um ponto crucial na reflexão sobre o crescimento e mudanças de todo tipo, é necessário apresentar o conceito de contenção da angústia.

CONTENÇÃO DA ANGÚSTIA

Uma questão fundamental neste livro é que a angústia, uma dor psíquica, encontra-se no cerne de todas as concepções psicanalíticas. Usarei indiferentemente as palavras “angústia” e “dor psíquica”. Um princípio central do entendimento psicanalítico é que não existe desenvolvimento sem dor. Como vimos, a demasia ou a falta de dor impedem o desenvolvimen-

to. Daí o problema da contenção e da distribuição da dor psíquica ligada ao crescimento e ao desenvolvimento ser o nosso tema de estudo principal.

Lida-se com a angústia por meio da relação com os objetos, a princípio a figura de apego primordial. A capacidade de suportar a dor psíquica de um modo que propicie o desenvolvimento depende, desde o nascimento ou até antes dele, da disponibilidade de uma pessoa receptiva ou sintonizada às emoções que possa conter a comunicação primordial do bebê e ajudá-lo a dar sentido às suas experiências emocionais. Precisamente o que significa esse conceito de contenção?

Na teoria de Bion do continente e do conteúdo²⁷, o desenvolvimento da capacidade de pensar ou ser curioso de qualquer maneira, de prestar atenção ou aprender, depende da experiência do bebê de alguém pensar nele ou ter curiosidade ou atenção afetuosa por ele. A psique do bebê não é desenvolvida a ponto de conter sentimentos intensos de qualquer tipo e, portanto, é inteiramente dependente da disponibilidade de algum objeto – em geral a mãe, em primeiro lugar – no qual o bebê possa depositar esses

sentimentos. Bion chama tal objeto de *continente*, e o material bruto, não elaborado, não assimilado que é projetado no continente, de *conteúdo*.

Os gritos do bebê e outras reações suas provocam aflição ou outros sentimentos na mãe se ela estiver emocionalmente ligada ao filho. A mãe precisa então tentar entender o que o bebê está sentindo ou o que os gritos dele significam refletindo e pensando no que o bebê a fez sentir, correlacionando isso com a experiência dela e com a experiência que ela tem do bebê, antes de ter a iniciativa apropriada.

Esse processo, que Bion denominou *rêverie*²⁸, é quase sempre inconsciente. O bebê, então, não só sente mais conforto porque suas necessidades foram satisfeitas, mas também pode assimilar a experiência de que a sua mãe tem na mente um espaço para ele, de que se sente compreendido. À medida que o bebê passa por mais experiências desse tipo, ele tem condições de assimilar na mente um objeto de pensamento, uma representação da experiência continente/conteúdo. Pode, então, usar esse objeto de pensamento, esse

²⁷ Palavra francesa que significa devaneio, quimera. (N. do T.)

continente, para pensar por si só nas suas experiências. Assim, ele passa a desenvolver uma capacidade própria de pensar nas suas experiências emocionais e ter para elas um espaço na sua mente. Portanto, o bebê precisa de um continente para examinar os seus sentimentos, para descobrir o que ele está sentindo e o que isso significa.

O que ocorre se a mãe não puder receber essas projeções de pura emoção do bebê? E se não houver ninguém para exercer a função de contenção, isto é, suportar o que é insuportável para o bebê? O único recurso do bebê será se esforçar ainda mais para se livrar do sentimento ruim, que piora com o sentimento de ser mal compreendido e não ser atendido. Ele não internaliza um continente que pense a seu respeito ou o entenda ou o ajude a “nomear” suas angústias e distinguir os seus estados emocionais baseadas nas respostas diferenciadas a eles, mas assimila um continente que rejeita a comunicação.

O bebê, assim, não pode dar sentido à sua experiência nem compreendê-la. Ele parece sentir a relutância do continente em interpretar a adversidade na

sua comunicação, e se estabelece um círculo vicioso no qual a única opção da criança é tentar desvencilhar-se das experiências ruins com força crescente ou, pior ainda, desistir totalmente de tentar projetar as suas angústias. Ele não desenvolve um método de regulação das suas emoções que seja propício ao crescimento, mas se identifica com as características do continente falho.

Bion afirma que em qualquer situação de angústia existem três maneiras de lidar com o problema.

A primeira diz respeito à *moderação* da dor psíquica, “primeiramente pelo pensamento, o que leva a um entendimento e a ações que podem modificar o mundo externo ou adaptar-se a ele, ou a interiorizar novas qualidades nos objetos internos que confortam ou fortalecem a personalidade”²⁸. Bion fala da necessidade que temos de respeitar os *fatos* de uma situação a fim de tentar depreender o que são e agir em conformidade com eles.

Deve-se distinguir esse do segundo modo de lidar com a dor, mediante a tentativa de *modificar* a situação, para que se ajuste ao que queremos que ela

seja. Isso acarreta a distorção dos fatos pelo uso de quaisquer mecanismos de defesa – por exemplo, sua idealização ou depreciação.

O terceiro modo de lidar com a dor, mais radical, é tentar *fugir* dela por completo, eliminando a capacidade de perceber a realidade ou ignorando os fatos inteiramente. Isso leva à ignorância, segundo Bion. A moderação por meio do pensamento, a modificação por meio da defesa ou a fuga por meio da supressão constituem, portanto, três maneiras diferentes de suportar a angústia. Para esclarecer essas idéias, quero dar um exemplo de uma das angústias mais conhecidas de todos: a angústia da separação.

ANGÚSTIA DA SEPARAÇÃO

Mencionei antes (páginas 51-55) que o bebê é totalmente dependente da existência de um genitor que equilibre os seus estados emocionais. A ausência dessa figura faz surgir um tipo especial de angústia, chamado angústia da separação.

A separação de uma figura necessária e amada mobiliza o comportamento de apego (citado na página

19). Qualquer indivíduo, de qualquer idade, pode sentir a angústia da separação quando uma pessoa necessária/amada está ausente, mas as origens dessa angústia estão na infância. O modo de lidar com ela depende do estado do aparelho psíquico e do histórico dos apegos da pessoa. Sabemos que se torna mais fácil lidar com a separação se a criança consegue manter contato com um objeto internalizado firmemente, ou um continente ou modelo efetivo, que lhe dê a possibilidade de sentir-se segura no novo ambiente. Agradeço a Paolo Carignani²⁹ por me permitir usar as observações a seguir.

Tom, de 22 meses de idade, tem tido enorme dificuldade de se separar da mãe quando ela o deixa na escola maternal. Nessa observação feita logo depois de ele ter sido matriculado na escola, o garoto entra correndo na sala junto da mãe e saca uma arma, gargalhando loucamente e atirando em todo mundo. *[Desde o início vemos que ele tenta suprimir a angústia de vir para essa nova situação sendo onipotente e incomunicável. É preciso livrar-se de todos os perigos prováveis.]*

Uma professora diz “oi” para ele, depois o chama para que se sente perto dela e ouça a história que ela está contando para as outras crianças. Tom não responde, mas dispara a arma, fazendo o estampido com a boca. *[Podemos presumir com boa dose de certeza que a angústia persecutória prevalece, pois ele tenta claramente se livrar de uma ameaça ruim.]*

Em seguida, Tom vira-se para a mãe, que está entrando na sala, e depois na direção de outro menino, que tem um carrinho na mão. Ele de repente tira o carrinho do garoto, que começa a choramingar e tenta pegar o carro de volta. Tom grita e começa a chorar, enquanto a professora e a mãe se aproximam para separar os dois. Durante alguns minutos, a professora tenta em vão convencer Tom a devolver o carro. Quando ela enfim o repreende em voz alta, Tom grita mais alto ainda.

A professora tira o carrinho de Tom e o entrega ao outro menino. Tom se joga no chão, num choro desesperado. A mãe se mostra tremendamente angustiada. Fica em pé perto do filho e parece não saber o que fazer. Tenta explicar o comportamento da professora.

A professora chama Tom para ouvir a história, mas ele não vai. Ele pega alguns brinquedos num armário e passa a jogá-los no chão. Seu choro desesperado transforma-se em gritos furiosos. A mãe diz que isso acontece todos os dias.

Vemos como Tom tenta dominar essa situação dolorosa. Suas tentativas de suprimir a angústia fracassam. Ao tirar o carrinho do outro menino no momento em que percebe que a mãe vai embora, ele tenta transmitir a outra pessoa a aflição da perda potencial de alguém a que ele quer se agarrar. É uma tentativa de modificar a sua dor projetando-a em outra pessoa e também uma defesa típica utilizada quando existe angústia persecutória. A outra criança deve perder algo e sofrer.

Com as intervenções da professora, quando o carro é devolvido ao garoto, Tom é forçado a ficar com uma dor que ele não consegue agüentar. A mãe não sabe como contê-lo nesse estado, e o que ele pode fazer é se livrar da aflição jogando-se e a todos os brinquedos no chão, que é mais uma tentativa de fuga

e uma resposta típica a um continente que rejeita a comunicação. Ele não consegue pensar, só agir.

Por meio da intervenção do observador, Paolo, que durante certo período observou a criança todos os dias, Tom pareceu aprender com o tempo um método diferente de lidar com a dor, talvez por se identificar com a abordagem racional do observador.

Em comparação, três semanas depois Tom está sentado no chão com muitos brinquedos. Ele tem na boca um pedaço de pano e o chupa. *[Foi desse modo que ele tentou conservar o vínculo do seu eu infantil com a sua mãe?]*

Ele segura uma pistola na mão direita e um elefantinho de plástico na esquerda. Com os dedos da mão direita, ele toca os olhos do elefante e ao mesmo tempo larga a pistola no chão. *[Tom estaria se concentrando nos olhos e vendo, talvez percebendo, os métodos da arma mortífera em vez de apegar-se a eles?]*

Tom pega um elefante pequeno e outro grande e abre espaço à sua frente. Então faz o elefante pequeno mamar no grande. Ele precisa segurar os animais

o tempo todo, senão eles caem. Tom tenta largá-los várias vezes e, quando caem, olha para a mãe e os coloca na posição anterior. Ele demonstra curiosidade com o fato de os elefantes caírem. *[Essa curiosidade seria outra identificação com a curiosidade do observador? Lembro que o próprio menino caía nas primeiras observações.]*

Depois de um tempo, a mãe de Tom vai até ele e lhe pergunta que brincadeira é aquela. “É a brincadeira dos animais que caem”, diz ele.

A mãe sorri para ele e diz que tem de ir embora. Ele se volta para a mãe com olhos aflitos, cheios de lágrimas, e pergunta se ela pode ficar com ele um pouco mais. A mãe responde que não pode. Dá-lhe um beijo e sai da sala. Tom olha para a mãe enquanto ela sai e então cai no choro. Após alguns segundos, pára de chorar. Enxuga os olhos com as mãos, levanta-se e se aproxima do observador, pedindo-lhe que o pegue no colo para “me levar até a janela para ver minha mãe que não está lá”.

O observador o pega nos braços e vai até a janela. Tom olha para o jardim e, depois de alguns minutos

em silêncio, pede que o ponha no chão e sai correndo para brincar com as outras crianças.

Tom tentava simbolizar a sua experiência, que serviu para dar nome à angústia e contê-la. Ele parecia pensar em criar um espaço, tentar dar sentido à sua experiência emocional, em que uma mãe e um bebê podem estar juntos mas se separam (caem) e depois voltam a se juntar (são postos em pé). A experiência tem todos os indicadores de uma mãe que é continente e de um bebê que é conteúdo.

Se Tom consegue interiorizar essa representação e agarrar-se a ela, que lhe permite perceber os fatos da situação em que ele se encontra, sua angústia deve ser moderada. Ele lida com a dor de um modo diferente. Não a inflige a alguém, mas a leva consigo, talvez com o auxílio de um objeto interno, como o elefante grande, que pode ajudar a ele, bebê, a contê-la e suportá-la. É uma reação à sua situação mais do tipo depressivo. Sua capacidade de “ver uma mamãe que não está lá” leva a crer que ele tem na mente uma representação internalizada de uma mãe e um bebê,

que podem estar juntos e separados e depois juntos de novo. A contemplação dele em silêncio quando estava no colo do observador pode ter sido o seu modo de olhar para o seu espaço interior para achar essa representação interna de mãe e filho.

A capacidade de tolerar a frustração da existência de uma “mãe que não está” o tempo suficiente para criar uma reflexão a esse respeito, que Tom verbalizou, é um avanço crucial no desenvolvimento. Seu raciocínio modera a angústia e também dá lugar à esperança.

A existência, então, de um objeto internalizado (na forma de um sistema de continente/conteúdo funcional) para receber a aflição e pensar nela (com base na identificação com essas funções executadas externamente para a criança) é fundamental no desenvolvimento da sua capacidade de lidar com a dor psíquica de um modo propício ao crescimento, ou seja, suportá-la de um modo que leve ao pensamento. Agora podemos voltar às angústias presentes no aprendizado e no crescimento ou em face de uma situação nova.

SABER E NÃO SABER: ANGÚSTIAS DO APRENDIZADO, DO CRESCIMENTO E DO DESENVOLVIMENTO

Muitas crianças não entendem o crescimento como um aprendizado de responsabilidade por si mesmas. Para muitas crianças, crescer é uma maneira de trocar uma identidade por outra. “Agora sou crescidinho/ crescidinha.”

Isso em geral implica achar que outra pessoa tem sentimentos infantis ou sentimentos insignificantes, pois o crescimento não é considerado orgânico e progressivo, partindo das raízes da infância e evoluindo a partir daí.

O aprendizado e o crescimento verdadeiros constituem uma experiência dolorosa e provocam muita angústia. Para que haja aprendizado é inevitável certa quantidade de frustração – frustração porque não se sabe algo ou porque se está confuso e angustiado por ser ignorante. A capacidade de suportar esses sentimentos determina a capacidade de aprender. Essa dor é em essência a “nuvem de incerteza” ou a aptidão para tolerar a incerteza, “sem uma busca impaciente do fato

e do motivo”, definida por Keats como *capacidade negativa*³¹. Trata-se da capacidade de tolerar a incerteza de uma idéia ou situação nova que se contraponha às velhas idéias ou modos de atuação que precisam mudar. Todos os “fatos do mundo externo são perceptíveis somente por suas qualidades secundárias, à medida que penetram os nossos sentidos, no âmbito de uma experiência emocional. A capacidade de pensar nos fatos de uma experiência emocional exige a contenção da emotividade, especialmente a [angústia]”³².

A dificuldade de suportar a angústia de se sentir pequeno é retratada no exemplo seguinte de Alison, de 4 anos. A mãe de Alison a vestia impecavelmente como se fosse um adulto mirim. A menina se portava com um ar de superioridade e arrogância. Parecia estar acima de tudo. A mãe costumava deixá-la na escola maternal e ia embora com jeito altivo, sem se despedir, mas Alison ficava impassível. Ela era grandinha, e gente grande não chora, só bebê.

Em certa ocasião, Alison vê a sua amiga Molly perto do trepa-trepa com outra menina, Victoria. Alison

vai na direção delas e fica rodeando-as. Elas não a cumprimentam. Então, Molly vira-se para Alison e diz: “Estou com sandálias da marinha”.

Alison responde em tom sarcástico: “Não, não seja boba. Elas são azul-marinho”. *[Chamamos isso de “derrubada”, porque se trata de derrubar o outro para tentar ficar por cima.]*

Molly e Victoria entram na escola. Alison as segue a poucos passos de distância. As meninas vão para o cantinho dos livros e se sentam para lê-los. Molly fala com animação das figuras do livro dela. Alison, por outro lado, senta-se e folheia com desinteresse as páginas de um livro, dando a impressão de que não está assimilando nada, mas aparentemente lendo. Molly faz piada com um livro de Aladim, dizendo: “O Aladim é menina”. Alison, sem tirar os olhos do seu livro, responde rispidamente: “Não é um livro do Aladim. E não é aí que começa; é do outro lado”.

Molly se mostra confusa.

Aí vemos Alison como a sabe-tudo, a que faz pose e deixa os outros confusos. Ela quer dar a

impressão de uma menina crescida e despreocupada projetando-se na identidade de um adulto que sabe ler e corrige as criancinhas bobas. A caricatura do pseudo-adulto mirim torna-se evidente com a projeção de insignificância e confusão para todo lado.³³

Na sua exposição original, Melanie Klein achava que a angústia depressiva estivesse mais à frente na linha de desenvolvimento em relação à angústia persecutória. Bion, no entanto, conseguiu demonstrar que todos nós oscilamos entre essas duas angústias.

É comum a dor inerente à angústia depressiva, especialmente a culpa, ser intensa demais para ser contida e vencida e provocar o ressurgimento de mais sentimentos persecutórios. É provável que uma pessoa incapaz de suportar sentimentos de culpa prematuros os ache extremamente persecutórios. Do mesmo modo, os sentimentos persecutórios podem originar sentimentos depressivos.

Um exemplo simples dessa última situação é o do garoto de 10 anos que desceu as escadas na

manhã do seu aniversário e abriu todos os presentes antes que os familiares acordassem. Ele sabia que não era assim que se costumava fazer nos aniversários. Quando os seus pais acordaram, ficaram horrorizados, zangados e se sentiram pas-sados para trás.

A princípio o garoto nem se importou, mas, quando viu a besteira que tinha feito, mostrou-se muito perturbado. Ele sabia que estragara o dia do seu aniversário, depois de esperar por ele tanto tempo. Teve um acesso de choro sentido e dizia: “Por que eu fiz isso? Nem pensei. Por favor, por favor, me desculpem!”

Ele pôde perceber com essa experiência que metade do prazer de ganhar presentes é dividir com os outros o momento de dar e receber. Por ter tirado dos outros esse prazer, ele o tirou também de si mesmo.

A atitude egocêntrica da criança de “não estou nem aí” deu lugar à angústia depressiva, que foi muito doída quando ele percebeu o erro que cometera. Com a ajuda dos pais, ele conseguiu superar o episódio e aprender com a experiência.

TERROR SEM NOME, NOMEAÇÃO E FALHAS DE CONTENÇÃO

Bion descreve uma situação em que a criança pequena com medo de estar morrendo – isto é, sofrendo de angústia primária de dissolução do ego, como já expus (página 14) – projeta sua angústia na mãe, ou continente.

Uma mãe equilibrada tem condições de receber [essa angústia] e responder terapeuticamente, ou seja, de um modo que faça a criança sentir que lhe está sendo restituída a sua personalidade assustada, porém num estado que ela consegue tolerar – os medos tornam-se controláveis para a personalidade da criança.³⁴

Se, no entanto, a mãe não puder receber em si mesma essas projeções e desempenhar a função de continente para o filho, este talvez reviva o seu sentimento como que desprovido de sentido e, assim, receba de volta o que Bion chamou de “terror sem nome”. Esse pavor é pior do que o próprio medo de morrer, uma vez que não é circunscrito por um nome

e, assim, manifesta-se como um sentimento de pavor que não pode ser localizado.

Essa situação é comum nas pessoas que têm doenças graves e não podem admitir que o sentimento que elas têm é do medo de morrer. Em vez disso, elas levam dentro de si um sentimento ainda pior, o de terror sem nome. Ocorre com frequência que as pessoas à volta do doente também estejam tão dominadas pela angústia da perda eventual do ente querido que não conseguem pensar direito e ajudar o doente a nomear e conter a sua experiência. As pessoas em geral tentam “proteger” o doente, usando eufemismos ou consolos falsos, em vez de ajudá-lo e a si mesmas a encarar os fatos.

Dar um nome à angústia faz que ela seja delimitada. Usa-se um nome para evitar a disseminação dos fenômenos, porque ele mostra a correlação dos elementos de uma experiência. Diz Bion:

Depois de se ter encontrado o nome e, assim, delimitado os fenômenos, o resto da história, caso se queira, pode ser dedicado à descoberta do seu significado. O nome é

uma criação que possibilita pensar sobre algo antes que se saiba o que é.³⁵

Quando se vive num universo sem nome, a sensação persecutória é extrema. Essa situação ocasiona o que se denominou “angústia flutuante”, que não se consegue localizar. A angústia parece estar em todo lado.

Susan, de 10 anos, disse ao seu terapeuta que não tinha conseguido dormir à noite. Achava que havia alguma coisa embaixo da sua cama. Podia ser o gato, imaginou; mas o gato estava do outro lado do quarto. Depois ela disse que talvez fossem zumbis, com os braços estendidos para a frente; esses zumbis estariam à procura de sangue humano, que conseguiriam com uma mordida no pescoço das pessoas. Depois, no entanto, Susan mostrou-se preocupada com que a sua casa tivesse um fantasma, porque os canais da TV mudavam sozinhos. O fantasma, chamado James, era um amigo da mãe dela que tinha morrido de enfarte. Havia ainda na casa um aquário com tubarões, e os

ratos também davam trabalho. Nesse ponto, Susan tirou da cabeça o capuz do agasalho. Aí, enfiou o dedo na boca e o mordeu com muita força.

Susan é uma garotinha cuja angústia está espalhada e parece mudar de lugar com rapidez surpreendente. A angústia não pára em um lugar; invade a menina. A mordida forte no dedo pode ser um artifício dela para dar à dor uma localização precisa, como afirmamos no caso da adolescente que se feria (página 23).

As falhas de contenção provocam todo tipo de angústia. Quando não contém a angústia, a pessoa tem ataques de pânico e se sente inundada por uma emoção bruta e sem nome, que costuma se transformar em distúrbios somáticos. O medo e a angústia desencadeados pela idéia de um ataque de pânico podem originar esse ataque.

Se uma figura de apego deixa de conter a angústia, em vez de a angústia ser “nomeada” e delimitada, ela volta para a pessoa com intensidade maior, como ocorre no terror sem nome. O indivíduo precisa então lidar com uma dose dupla de angústia, já

que a angústia inicial é projetada de volta para ele com uma intensidade maior, junto com a angústia de ele não ter um continente, o que o faz se sentir incompreendido.

Presenciei um exemplo disso num avião que passava por uma zona de turbulência. Uma criança olhou para o rosto da mãe, em que estava estampado: “O que eu devo sentir nesta situação?” Isso sem dúvida era de provocar angústia, enquanto o avião sacudia e pulava. O rosto da mãe estava pálido, denunciando que ela se achava numa situação de vida ou morte. A criança ficou histérica, pois tinha de enfrentar sozinha não apenas a sua angústia, mas também a angústia transmitida da mãe, que a dominou inteiramente.

PREMONIÇÃO DA EMOÇÃO

Se voltarmos à definição de Bion de que a angústia é uma “premonição da emoção” e reconhecermos que as emoções são fundamentais na vida humana, então concluiremos que também a angústia – e o modo de lidarmos com ela – ocupa uma posição central.

O neurocientista português António Damásio afirma de forma convincente que a emoção auxilia o raciocínio e que as evidências neurológicas indicam que “as emoções bem direcionadas e bem situadas parecem constituir um sistema de apoio sem o qual o edifício da razão não pode operar a contento”³⁶. Esse ponto de vista é congruente com as idéias de Bion de que o pensamento deriva da contenção das experiências emocionais.

A capacidade de regular os estados emocionais é, portanto, crucial para o desenvolvimento social, emocional, cognitivo e neurobiológico.³⁷ Isso só pode acontecer se o bebê passar pela experiência de um relacionamento íntimo com uma figura de apego que esteja sintonizada com ela emocionalmente. Se houver perturbações crônicas na relação, o bebê nunca aprenderá a conter os seus estados emocionais nem a lidar com a intensidade dos relacionamentos íntimos. Logo, a capacidade da criança de lidar com a angústia determina o seu preparo para lidar com a própria vida.

NOTAS

1. Hinshelwood, Robert D., *A Dictionary of Kleinian Thought*, Londres: Free Association Books, 1991, p. 218.
2. Rycroft, Charles, *A Critical Dictionary of Psychoanalysis*, Harmondsworth: Penguin, 1968, p. 8.
3. Bion, Wilfred R., *Elements of Psychoanalysis*, Londres: Heinemann, 1963, cap. 16, pp. 74-7.
4. Hinshelwood, *op. cit.*, p. 221.
5. Laplanche, Jean; Pontalis, Jean-Baptiste, *The Language of Psychoanalysis*, Londres: Hogarth Press and Institute of Psychoanalysis, 1985, p. 48.
6. Freud, Sigmund, “Inhibitions, Symptoms and Anxiety”, *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. XX, Londres: Hogarth Press/Institute of Psychoanalysis, 1926, p. 77-175.
7. Hinshelwood, *op. cit.*, p. 221.
8. Rycroft, *op. cit.*, p. 8.
9. Freud, *op. cit.*, pp. 77-175.
10. Rycroft, *op. cit.*, p. 8.
11. Laplanche e Pontalis, *op. cit.*, pp. 189-90.
12. Bowlby, John, *Attachment and Loss*, vol. 1 (*Attachment*), Londres: Hogarth Press, 1969/1982.
13. Hopkins, Juliet, “The Observed Infant of Attachment Theory”, *British Journal of Psychotherapy*, n. 6, 1990, pp. 460-71.
14. Ward, I., *Introducing Psychoanalysis*, Cambridge: Icon Books, 2000.
15. Perry, B. D.; Pollard, R. A.; Blakley, T. L.; Baker, W. L.; Vigilante, D., “Childhood Trauma, the Neurobiology of Adaptation, and ‘Use Dependent’ Development of the Brain: How States Become Traits”, *Infant Mental Health Journal*, 16, 1995, pp. 271-91.
16. Klein, Melanie, “On the Theory of Anxiety and Guilt”, *Envy and Gratitude and Other Works. Writings of Melanie Klein*, vol.

- 3 (1948), Londres: Hogarth Press/Institute of Psychoanalysis, 1975, pp. 25-43.
17. Joseph, Betty, "Envy in Everyday Life", in *Psychic Equilibrium and Psychic Change*. New Library of Psychoanalysis (cap. 13), Selected Papers of Betty Joseph, Elizabeth Bott Spillius e M. Feldman (orgs.), Londres: Tavistock/Routledge, 1989, p. 186.
18. Klein, Melanie, "A Contribution to the Theory of Intellectual Inhibition", in *Love, Guilt and Reparation and Other Works. Writings of Melanie Klein*, vol. 2 (1931), Londres: Hogarth Press/Institute of Psychoanalysis, 1975, pp. 236-47.
19. Hinshelwood, *op. cit.*, p. 112.
20. Meltzer, Donald, "Terror, Persecution and Dread", in *Sexual States of Mind* (cap. 14), Perthshire: Roland Harris Trust Clunie Press, 1979, p. 105.
21. Meltzer, *op. cit.*, p. 105.
22. Bion, Wilfred R., *Learning from Experience*, Londres: Heinemann, 1962, p. 73.
23. Joseph, Betty, "Different Types of Anxiety and Their Handling in the Analytic Situation", in *Psychic Equilibrium and Psychic Change*. New Library of Psychoanalysis (cap. 7), *op. cit.*, p. 108.
24. Klein, Melanie, "A Contribution to the Theory of Intellectual Inhibition", in *Love, Guilt and Reparation and Other Works. op. cit.*, pp. 240-1.
25. Hoberman, Mary Ann, *A House Is a House for Me*, Harmondsworth: Penguin, 1986.
26. Beaumont, M., "The Effect of Loss on Learning", *Journal of Educational Therapy*, vol. 2, 1991, pp. 33-47.
27. Bion, Wilfred R., *Learning from Experience*, Londres: Heinemann, 1962.
28. Meltzer, Donald; Harris, M., "A Psychoanalytical Model of the Child-in-the-Family-in-the-Community" (1976), in *Sincerity and Other Works. Collected Papers of Donald Meltzer*, A. Hahn (org.), Londres: Karnac Books, 1994, p. 387.
29. Carignani, Paolo, "An Observation in School with a 22 Month Old Child" – estudo entregue na inauguração do Centro Studi Martha Harris, Palermo, Sicília, Itália, 1994.
30. Bion, Wilfred R., *Elements of Psychoanalysis*. Londres: Heinemann, 1963, p. 42.
31. Citado em Bion, W. R., "Letter to George and Thomas Keats, 21 December 1817", in *Attention and Interpretation* (cap. 13), Londres: Heinemann, 1970, p. 125.
32. Meltzer, Donald; Harris, M., *op. cit.*, p. 412.
33. Emanuel, Ricky, "The Child-in-the-Family-in-the-Nursery", *The Psychology of Nursery Education*, Londres: Freud Museum/Karnac Books, 1998, pp. 43-65.
34. Bion, Wilfred R., "A Theory of Thinking", in *Second Thoughts. Selected Papers on Psychoanalysis* (cap. 9), Nova York: Jason Aaronson, 1962, pp. 114-15.
35. Citado em Bion, Wilfred R., "Letter to George and Thomas Keats, 21 December 1817", *op. cit.*, p. 87.
36. Damásio, Antônio, *The Feeling of What Happens. Body, Emotion and the Making of Consciousness*, Londres: Heinemann, 1999, p. 42.
37. Schore, A., "Attachment and the Regulation of the Right Brain", in H. Steele e J. Cassidy (orgs.), *Attachment and Human Development*, Londres: Routledge, 1999.

BIBLIOGRAFIA

- Beaumont, M., "The Effect of Loss on Learning", *Journal of Educational Therapy*, vol. 2, 1991.
- Bion, Wilfred R., *Learning from Experience*. Londres: Heinemann, 1962. [Edição brasileira: *O Aprender com a Experiência*, Rio de Janeiro: Imago, 2003.]

- , "A Theory of Thinking", in *Second Thoughts. Selected Papers on Psycho Analysis* (cap. 9), Nova York: Jason Aaronson, 1962.
- , *Elements of Psychoanalysis*, Londres: Heinemann, 1963. [Edição brasileira: *Elementos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.]
- , *Attention and Interpretation*, Londres: Heinemann, 1970. [Edição brasileira: *A Atenção e Interpretação*, trad. Paulo Dias Correa. Rio de Janeiro: Imago, 1991.]
- Bowlby, J., *Attachment and Loss*, vol. 1 (*Attachment*), Londres: Hogarth, 1969/1982.
- Carignani, Paolo, "An Observation in School with a 22 Month Old Child" – estudo entregue na inauguração do Centro Studi Martha Harris, Palermo, Sicília, Itália, 1994.
- Damásio, Antônio, *The Feeling of What Happens. Body, Emotion and the Making of Consciousness*, Londres: Heinemann, 1999. [Edição brasileira: *O Mistério da Consciência – do Corpo e das Emoções ao Conhecimento de Si*, trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.]
- Emanuel, R., "The Child-in-the-Family-in-the-Nursery", *The Psychology of Nursery Education*, Londres: Freud Museum/Karnac Books, 1998.
- Freud, Sigmund, "Inhibitions, Symptoms and Anxiety", *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. XX, Londres: Hogarth Press/Institute of Psychoanalysis, 1926. [Edição brasileira: *Inibições, Sintomas e Angústia*, in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1986.]
- Hinshelwood, Robert D., *A Dictionary of Kleinian Thought*, Londres: Free Association Books, 1991. [Edição brasileira: *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre: Artmed, 1992.]
- Hoberman, Mary Ann, *A House Is a House for Me*, Harmondsworth: Penguin, 1986.
- Hopkins, Juliet, "The Observed Infant of Attachment Theory", *British Journal of Psychotherapy*, n. 6, 1990.

- Joseph, Betty, "Envy in Everyday Life", in *Psychic Equilibrium and Psychic Change*. *New Library of Psychoanalysis*, Londres: Tavistock/Routledge, 1989. [Edição brasileira: *Equilíbrio Psíquico e Mudança Psíquica*, trad. Belinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago, 1992.]
- , "Different Types of Anxiety and Their Handling in the Analytic Situation", in *Psychic Equilibrium and Psychic Change*. *New Library of Psychoanalysis*, Londres: Tavistock /Routledge, 1989.
- Klein, M., "A Contribution to the Theory of Intellectual Inhibition", in *Love, Guilt and Reparation and Other Works. Writings of Melanie Klein*, vol. 1 (1931), Londres: Hogarth Press/Institute of Psychoanalysis, 1975. [Edição brasileira: *Amor, Culpa e Reparação*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.]
- , "On the Theory of Anxiety and Guilt", *Envy and Gratitude and Other Works. Writings of Melanie Klein*, vol. 3 (1948), Londres: Hogarth Press/Institute of Psychoanalysis, 1975. [Edição brasileira: *Inveja e Gratidão*, Rio de Janeiro: Imago, 1991.]
- Laplanche, Jean; Pontalis, Jean-Baptiste, *The Language of Psychoanalysis*, Londres: Hogarth Press/Institute of Psychoanalysis, 1985. [Edição brasileira: *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.]
- Meltzer, Donald, "Terror, Persecution and Dread", in *Sexual States of Mind*, Perthshire: Roland Harris Trust Clunie Press, 1979.
- Meltzer, D.; Harris, M., "A Psychoanalytical Model of the Child-in-the-Family-in-the-Community" (1976), in *Sincerity and Other Works. Collected Papers of Donald Meltzer*, A. Hahn (org.), Londres: Karnac Books, 1994.
- Perry, B. D.; Pollard, R. A.; Blakley, T. L.; Baker, W. L.; Vigilante, D., "Childhood Trauma, the Neurobiology of Adaptation, and 'Use Dependent' Development of the Brain: How States Become Traits", *Infant Mental Health Journal*, 16, 1995.
- Rycroft, Charles, *A Critical Dictionary of Psychoanalysis*, Harmondsworth: Penguin, 1968.

Schore, A., "Attachment and the Regulation of the Right Brain", in H. Steele e J. Cassidy (orgs.), *Attachment and Human Development*, Londres: Routledge, 1999.

Ward, Ivan, *Introducing Psychoanalysis*, Cambridge: Icon Books, 2000.

AGRADECIMENTOS

*Agradeço a Adie, Alex e Louise Emanuel,
Anne Hurley e Ivan Ward a ajuda na feitura deste livro.*